

CORPO E DISCIPLINA EM “TEREZA BATISTA CANSADA DE GUERRA”

Patricio de Albuquerque Vieira
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

RESUMO: A história do corpo humano retrata a civilização. Cada cultura opera sobre o corpo determinando-o, construindo as suas particularidades e sublinhando determinados atributos em detrimento de outros. No decorrer do tempo, padrões de beleza, de sensualidade, de postura e de saúde produziram discursos que vieram a formar a história do corpo, uma vez que a mudança no discurso resulta na mudança da noção de corpo. Discutir o corpo como produto cultural é, concomitantemente, um desafio e uma necessidade. Desafio porque desfaz a concepção naturalista sobre a qual o corpo é explicado, observado e classificado. Necessidade porque ao desnaturalizar o corpo desvenda que é ele, acima de tudo, histórico, denunciando a situação em que a mulher ocupa na sociedade. Nessa direção, este trabalho tem como objetivo refletir sobre a submissão e a construção do corpo disciplinado de Tereza Batista, protagonista da obra *Tereza Batista cansada de guerra* (1972), de Jorge Amado. Para embasar este estudo utilizaremos os pressupostos teóricos de Michel Foucault (2012), Elódia Xavier (2007), Pierre Bourdieu (1999), entre outros.

Palavras-chave: Corpo. Disciplina. Poder.

Introdução

A história do corpo humano retrata a civilização. Cada cultura opera sobre o corpo determinando-o, construindo as suas particularidades e sublinhando determinados atributos em detrimento de outros. No decorrer do tempo, padrões de beleza, de sensualidade, de postura, de saúde, entre outros, produziram discursos que vieram a formar a história do corpo, uma vez que a mudança no discurso resulta na mudança da noção de corpo.

Visto como temática complexa, o corpo é objeto de estudo de diversos pesquisadores, historiadores, antropólogos e filósofos. Durante muito tempo, as discussões sobre o corpo tomaram como base o corpo biológico, desconsiderando a vivência corporal do indivíduo e as restrições morais, sexuais e físicas que lhe eram

engendradas, fixando-o na dicotomia corpo/mente do modelo cartesiano. Mais tarde, é conferido ao corpo o estatuto de produto sociocultural e psíquico.

Elizabeth Grosz (2000, p. 84), ao rejeitar ao dualismo cartesiano, observa o corpo como uma “subjetividade corporificada” ou uma “corporalidade psíquica”, acrescentando que “o corpo deve ser visto como um lugar de inscrições, produções ou constituições sociais, políticas, culturais e geográficas”. Nesse sentido, dizer que o corpo é a “morada do espírito” é desconsiderar todas as práticas culturais, valores e crenças produzidas por ele. A autora acrescenta que “tanto a dimensão psíquica quanto a social devem encontrar lugar numa reconceitualização do corpo, não uma em oposição à outra, mas como necessariamente interativas” (GROSZ, 2000, p. 85).

Discutir o corpo como produto cultural é, concomitantemente, um desafio e uma necessidade. Desafio porque desfaz a concepção naturalista sobre o qual o corpo é explicado, observado e classificado. Necessidade porque ao desnaturalizar o corpo desvenda que é ele, acima de tudo, histórico. Percebe-se, então, que o corpo é resultado de marcas reveladoras dos tempos, espaços, grupos sociais, religiões, crenças, etc.

De acordo com Silvana Vilodre Goellner (2003, p. 29),

Um corpo não é apenas um corpo. E também o eu entorno. Mais do que um conjunto de músculos, ossos, vísceras, reflexos e sensações, o corpo é também a roupa e os acessórios que o adornam, as intervenções que nele se operam, a imagem que dele se produz, as máquinas que nele se acoplam, os sentidos que nele se incorporam, os silêncios que por ele falam, os vestígios que nele se exibem, a educação de seus gestos... enfim, é um sem limite de possibilidades sempre reinventadas e a serem descobertas.

Nessa perspectiva, o corpo não é definido por traços biológicos, mas sim, pelos significados culturais e sociais que a humanidade atribui a ele. As representações do corpo, que não são fixas, acabadas e universais, são construídas pela linguagem, a qual expressa o que se diz sobre o corpo, sua liberdade, aprisionamento ou submissão em determinadas culturas. Não estamos negando o papel da biologia na explicação do corpo, mas esta ciência por si só não justifica todas as atribuições culturais, aceitações e proibições verificadas no corpo inserido na cultura ocidental moderna.

Sendo o corpo um elemento base para o entendimento da identidade individual, vemos que, em algumas situações, o corpo muda e o indivíduo sente uma necessidade de aceitação, devido à pressão de se ajustar ao modelo dominante. Segundo D. Le Breton (1995), o corpo é uma construção simbólica, não uma realidade em si mesma. Assim sendo, a interpretação que se faz dele depende de quem o olha e do lugar de onde se observa, ou seja, o valor do corpo depende do lugar que ele ocupa, já ilustrava Michael Foucault no início do livro **As palavras e as coisas** (1981), através da análise feita em 1966 do quadro **As meninas**, de Velázquez.

Ao se tratar da temática **corpo**, o presente artigo tem com objetivo analisar a representação do corpo disciplinado na obra *Tereza Batista cansada de guerra* (1972), do escritor baiano Jorge Amado. Tereza é símbolo de uma problemática social a exigir solução, qual seja, a venda de meninas para a satisfação sexual de poderosos e solução imediata para a miséria de muitas famílias. A protagonista representa as classes populares do Brasil que vivem sem alternativas e condições dignas de viver, submetendo-se à exploração e às situações aviltantes impostas pela classe dominante.

Como principal suporte teórico, partimos das ideias de Foucault (2012) presentes em seu livro **Vigiar e punir: nascimento da prisão**, mais precisamente no capítulo denominado “Os corpos dóceis”, no qual o autor define o corpo disciplinado como aquele que se manipula, se modela, se treina, que responde e se torna hábil.

Tereza Batista: a representação da submissão feminina

A submissão e o sofrimento de Tereza Batista têm início quando sua tia Felipa a vende para o capitão Justiniano Duarte da Rosa, um colecionador de cabaços:

Tereza Batista não completara ainda treze anos quando sua tia Felipa a vendeu, por um conto e quinhentos, uma carga de mantimentos e um anel de pedra falsa, porém vistosa, a Justiniano Duarte da Rosa, capitão Justo, cuja fama de rico, valente e atrabiliário corria por todo o sertão e mais além. (...)

Contavam de morte e tocaias, de trapagens nas brigas de galo, de falsificações nas contas do armazém, cobradas no sopapo por Chico Meia-Sola, de terras adquiridas a preço de banana, sob ameaça de

clavinote e punhal, de meninas estupradas no verdor dos cabaços, meninas eram o fraco de Justiniano Duarte da Rosa. Quantas já deflorara menores de quinze anos? Um colar de argolas de ouro, sob a camisa do capitão, por entre a gordura dos peitos, vai tilitando nas estradas que nem chocalho de cascavel: cada argola uma menina – sem falar nas de mais de quinze anos, essas não contam. (AMADO, 1996, p. 59)

O capitão Justiniano representa o poder e a autoridade em terras baianas onde juízes e delegados pouco mandam, ficando a ordem entregue nas mãos dos poderosos da época. Conhecido como caçador de cabaços, o capitão Justo começa a frequentar a casa de Felipa com uma única intenção: deflorar Tereza Batista. Com medo da repressão e diante de extrema miséria, a velha Felipa vê-se obrigada a negociar a menina, principalmente porque sabia que Justiniano teria a garota de qualquer maneira, pois não media esforços para conquistar o que pretendia.

Felipa anuncia a partida de Tereza e pede à garota que arrume as roupas e todos os seus pertences, alegando que na casa do capitão Justo ela teria uma vida mais confortável, porque “lá tu vai ter de um tudo, vai ser tratada como fidalga, o capitão é um homem bom” (AMADO, 1996, p. 68). Tereza não compreende o motivo de sua saída da casa da tia e passa a questionar a mulher, mas é o capitão quem lhe responde: “- Não precisa saber por que, se acabaram as perguntas, comigo é ouvir e obedecer, fique sabendo, aprenda de uma vez por todas. Vambora” (AMADO, 1996, p. 68). Justiniano responde como dono da garota, impondo seu poder com a voz firme e de tom autoritário.

O argumento da tia não convence Tereza e diante da ordem do capitão, a menina foge a esmo. Encontrada no mato por Rosálio (este antes de entregá-la ao capitão abraça-a para sentir o corpo virgem da adolescente pela última vez), Tereza é entregue a seu “dono” e dele toma uma sequência de tabefes no nariz do qual começa a escorrer o sangue. Os tapas na face da menina anunciam a violência e o abuso de poder que marcará para sempre a sua vida. A imposição das ordens a serem cumpridas está apenas começando. Jogada ao caminhão Tereza embarcou em seu destino de peste, fome e guerra.

O abuso de poder fica evidente nas atitudes do capitão Justo, o qual consegue o quer através da força bruta, do dinheiro e do desrespeito aos direitos humanos. Um de seus maiores prazeres é apreciar a submissão da mulher. A virgindade se configura como objeto, uma verdadeira conquista do “macho”, uma vitória a ser conseguida e quanto mais difícil mais saboroso seria o prêmio:

Sendo um esportista, o capitão preferia naturalmente aquelas que ofereciam certa resistência inicial. As fáceis, com maior ou menor conhecimento e prática, não lhe davam a mesma exultante sensação de poder, de vitória, de difícil conquista. (AMADO, 1996, p. 70)

Na obra em análise, o poderoso capitão Justo vê Tereza Batista como o seu melhor investimento, já que a menina era “bonita de cara e bem feita de corpo”. Além do *status* que a posse de Tereza conferia ao capitão, ela servia como mercadoria ímpar, especial, pois trabalha na venda, atendendo aos clientes com sua força de trabalho: “O caráter especial desta mercadoria reside em que seu valor de uso capitalista é gerar valor de troca ou de valor comercial” (MELO & SERRANO, 1997, p. 142), e Tereza trazia o lucro para na venda de Justo. Para este, Tereza era a mercadoria perfeita, não se arrepende do objeto adquirido, pois lhe servia de cama e mesa:

O capitão Justo passa a língua nos beijos, descansa a luz no chão, sombras se elevam - deita aí!, ordena. Deita aí!, repete. Estende o braço para obrigá-la, a menina se afasta, sempre junto à parede, Justiniano ri um riso curto [...] (AMADO, 1996, p. 100)

Como é de praxe, o capitão Justo lança mão da força bruta, da violência física e da ignorância para possuir Tereza. Ao estender o braço o capitão impõe sua ordem e, devido ao medo, a protagonista recua ao canto da parede. A cena é bastante realista e anuncia o sofrimento de Tereza que, ao se negar a deitar com aquele homem, sofrerá os castigos dados por ele. Logo Tereza recebe um tapa nas ventas e sua resistência é vista por Justo como uma afronta às suas ordens. As personagens travam, assim, uma luta corporal. Ela representa a mulher guerreira e ele, o poder. Por meio da violência física Justo deseja ensinar a menina “a temer, a respeitar o amo e senhor que a comprou a

quem de direito, é seu dono; se não houver respeito no mundo, como há de ser?” (AMADO, 1996, p. 101).

A força bruta aparece como reflexo de macheza e autoridade. Para Justiniano só através do medo que se controla uma sociedade e domina uma mulher. Tereza está no início de uma guerra com o capitão em defesa da virgindade dela que agora encontra na escuridão, na treva. Os gritos e a agressividade de Justo são manifestados com a intenção de fazer Tereza servi-lo sexualmente. A ordem é, para o capitão, ordenar:

Aperta os olhos miúdos, retira a cueca, balança os bagos sobre a menina: veja minha filha, tudo isso é seu, vamos, tire o vestido, depressa, tire o vestido, estou mandando. Tereza estende a mão para a barra do vestido, o capitão acompanha o gesto de obediência, dominou a rebeldia da endemoniada. Mais depressa, ande, tire o vestido, assim submissa dá gosto: mais depressa, vamos!

Nesse fragmento fica evidente que a satisfação do capitão é a submissão de Tereza. A cena do capitão “balançando os bagos” evoca o perfil machista e viril, já que se encontra na posição de dominador, a qual é reforçada pelas palavras de ordem dirigidas a Tereza que, ao contrariá-lo, proferindo-lhe um chute nos testículos, assinala sua sentença: surra, muita surra. A protagonista, numa defensiva, atinge o símbolo da masculinidade do homem – os órgãos genitais masculinos -, o que representa desrespeito e ousadia, despertando-lhe a fúria. Para o capitão Justo, ser contrariado é subestimá-lo, inferiorizá-lo, e isto seria inaceitável, por isso, Tereza Batista deveria ser punida.

Poder, corpo e disciplina em *Tereza Batista cansada de guerra*

De acordo com Foucault (2012, p. 132-133), a submissão e o corpo disciplinado somente serão alcançados através do estabelecimento das técnicas de controle, a saber: a) **escala do controle**, que implica exercer sobre o corpo uma coerção sem folga, trabalhando-o detalhadamente; b) **objeto do controle**, que trata da eficácia do movimento do corpo e sua organização interna e do exercício; e c) **modalidade**, que

trata da coerção ininterrupta, constante, integrando o tempo, o espaço e os movimentos. Na visão foucaultiana, esses métodos que permitem o controle minucioso das ações do corpo, da sujeição constante das forças e imprime uma relação de docilidade-utilidade são chamadas de “disciplinas”, as quais têm o seu o momento histórico exatamente no “momento em que nasce uma arte do corpo humano, que visa não unicamente o aumento de suas habilidades, nem tampouco aprofundar sua sujeição, mas a formação de uma relação que no mesmo mecanismo o torna mais obediente quanto é mais útil” (FOUCAULT, 2012, p. 133).

Se aplicarmos essa teoria foucaultiana, veremos que para disciplinar o corpo de Tereza Batista no intuito de servir ao capitão Justo era necessário que este controlasse as ações, os movimentos realizados pelo corpo da protagonista. E como ela se negava a obedecer às ordens do capitão, logo recebe o castigo dado pelo seu dono, para que sua desobediência não torne a se repetir. Essa cena evoca as palavras de Michel Foucault (2012, p. 173) ao assegurar que:

A punição disciplinar é, pelo menos por uma boa parte, isomorfa à própria obrigação; ela é menos a vingança da lei ultrajada que sua repetição, sua insistência redobrada. De modo que o efeito corretivo que dela se espera apenas de uma maneira acessória passa pela expiação e pelo arrependimento; é diretamente obtido pela mecânica de um castigo. Castigar é exercitar.

Justiniano Duarte da Rosa não aceita ser desobedecido, principalmente pelo fato de Tereza ter se tornado, mediante o pagamento à tia Felipa, sua propriedade e por isto devia atender todos os seus pedidos, sem reclamações. Assim sendo, o capitão mandaria sempre, cabendo a ela cumprir seus desejos. A surra vem como uma punição para a rebeldia da protagonista e para a mudança de comportamento. Punir, aqui, significa o pagamento pela falta cometida, tudo que faz o indivíduo sentir a humilhação por não ter cumprido uma atividade imposta.

O poder da disciplina já se faz presente desde o título do romance, pois a palavra **guerra** remete a soldados que são preparados, instruídos para obedecer a comandos, ordens dadas por um superior. No caso romance em tela, a protagonista estar para servir, primeiramente às ordens da tia, em seguida do capitão Justo e, por fim, aos seus clientes, no bordel.

Agindo por meio da força, o capitão pretende estabelecer a disciplina. Mas a menina não cede facilmente e, por isso, apanha até desmaiar. Dominar Tereza passou a ser um desafio para o capitão, um desafio excitante e prazeroso:

O medo estampado no rosto das meninas na hora da verdade espiacaça-lhe o desejo, dando-lhe dimensão mais profunda, raro sabor. Vê-las apavoradas, mortas de medo, uma delícia; ser obrigado a possuí-las na raça, na força do tapa, um prazer dos deuses; o medo é o pai da obediência. (AMADO, 1996, p. 104)

A atitude do capitão Justo se explica através do pensamento de que a mulher é uma subclasse humana, inferior à do homem, e por isso deve-lhe respeito e subordinação. É o pensamento da sociedade patriarcal: a submissão da mulher. Esta, em caso de desobediência, tem que se submeter ao castigo disciplinar, o qual tem a função de reduzir os desvios e deve ser essencialmente **corretivo** (FOUCAULT, 2012, p. 173).

Com o medo resultante das constantes surras, Justiniano espera controlar Tereza, fazendo-a atender passivamente aos seus pedidos. De acordo com Foucault (2012, p. 147), “o controle disciplinar não consiste simplesmente em ensinar ou impor uma série de gestos definidos; impõe a melhor relação entre um gesto e a atitude global do corpo, que é sua condição de eficácia e de rapidez”. No caso de Tereza, o capitão Justo esperava não apenas a servidão sexual por parte dela, mas a total submissão. Para ele, o medo fará a menina estar pronta para servir sem revidar: “O capitão Justo era tenaz, tinha feito uma aposta consigo mesmo, Tereza haveria de aprender o medo e o respeito, a santa obediência. Terminou aprendendo, que jeito” (AMADO, 1996, p. 107).

O narrador destaca o medo estampado na face de Tereza, após muitas sessões de tortura, fato tão aguardado pelo capitão Justo, pois este sabia que “tudo no mundo tem o seu tempo e o seu preço”. Era uma questão de paciência, de esperar os efeitos dos castigos e logo a menina se entregava:

Depois de fazê-lo, o capitão a desamarrou; já não eram necessárias cordas e vigilância, cabra no corredor, fechadura na porta. Curso completo de medo e respeito, Tereza por fim obediente. Chupa, ela chupou. Depressa, de quatro e de costas. Depressa se pôs. Sozinha no mundo e com medo, Tereza Batista, argola no colar do capitão. (AMADO, 1996, 108).

Nesse excerto, o ato de desamarrar Tereza aparece como um prêmio pela sua obediência. O narrador informa que, após os longos castigos, a menina aprendeu a se comportar como o capitão queria, merecendo a recompensa: a retirada das cordas. Ao ver de Foucault (2012, p. 173), “a punição, na disciplina, não passa de um elemento de um sistema duplo: gratificação-sanção. E é esse sistema que se torna operante no processo de treinamento e de correção”. Assim sendo, a gratificação dada a Tereza pela sua disciplina era o afastamento de muitas amarras (cordas, fechadura, vigilância).

O aprisionamento de Tereza Batista era necessário, uma vez que “a disciplina procede em primeiro lugar à distribuição dos indivíduos no espaço” (FOUCAULT, 2012, p. 137). Se a disciplina requer, às vezes, a *cerca*, local fechado em si mesmo, o capitão Justo não hesitou em enclausurar a menina, pois somente assim teria domínio sobre ela. Foucault (2012, p. 138) salienta que o princípio de “clausura” não é constante, nem indispensável, nem suficiente nos aparelhos disciplinares; era preciso também o controle para se obter um corpo disciplinado, obediente. Esta era a intenção de Justiniano da Rosa: disciplinar Tereza Batista, a fim de que ela o servisse sexualmente.

Foucault (2012, p. 173) afirma que o castigo disciplinar tem a função de reduzir os desvios e, no caso de Tereza, serviu para reduzir a rebeldia. Feito isto, Justiniano Duarte da Rosa conseguiu, enfim, possuir o corpo de Tereza e se orgulhava de mais uma argola no seu cordão de ouro. A protagonista foi violentada bruscamente, tratada como um verdadeiro animal. Cada cabaço retirado representa um prêmio, uma vitória, e a virgindade de Tereza foi o prêmio mais merecido por ter sido bastante trabalhoso. Ao andar com as argolas simbolizando os cabaços “arrancados” das meninas, o capitão Justo procura evidenciar masculinidade, *status* e poder diante da sociedade. Parece que para o capitão Justo há a necessidade de demonstração das argolas para que haja o respeito por partes das autoridades e prevaleça a sua autoestima.

Considerações (quase) finais

Como vimos, estão inscritas no corpo de Tereza Batista as marcas de um sistema injusto e repressor. A protagonista anula-se diante da sociedade, tendo o seu sexo como a única marca de sua existência. Esquecida pelo Estado, pela família e pela escola, a situação de Tereza é propícia à submissão e à obediência cega ao seu opressor, Justiniano Duarte da Rosa. A negligência por parte dessas instituições públicas contribui para a dominação de Tereza que, reduzida à condição de mercadoria, não pode se negar às concessões do dominante – o capitão Justo. Diante dessa situação, pertinente se faz a reflexão de Bourdieu (1999, p. 46) quando explicita que “os dominados aplicam categorias construídas do ponto de vista dos dominantes às relações de dominação, fazendo-as assim ser vistas como naturais”. No caso de Tereza Batista, a dominação é inevitável, haja vista que ela foi comprada no intuito de servir às ordens de seu dono. Ademais, entendendo-se como uma adesão do capitão ninguém poderia protestar ou se posicionar contra o uso que ele faz de sua “mercadoria”.

Justiniano Duarte da Rosa impõe sua autoridade por muito tempo até que o corpo disciplinado da personagem central encontra outro corpo que não o do capitão Justo e, a partir daí, tem seus momentos de indisciplina, assumindo uma postura agressiva. É a chegada do amor que faz Tereza Batista reagir, abandonar a reflexão e partir para a violência física, quando esfaqueia o capitão que experimenta o sabor da morte, deixando o corpo de Tereza livre da sua dominação. A passagem da reação verbal para a reação física marca o rompimento com a disciplina, descarregando toda a força que a aprisionava aos caprichos de um poderoso representante do patriarcalismo.

Referências

AMADO, Jorge. *Tereza Batista cansada de guerra*. 29. ed. Rio de Janeiro: Record, 1996.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Trad. Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand, 1999.

BRANDÃO, Ruth Silviano. *Mulher ao pé da letra: a personagem feminina na literatura*. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

FOUCAULT, Michael. *História da sexualidade III: o uso em si*. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

_____. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1992.

_____. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Tradução de Raquel Ramallete. 40. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

GOELLNER, Silvana (Orgs.). *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. Petrópolis: Vozes, 2003.

GROSZ, Elisabeth. *Corpos reconfigurados*. In.: *Cadernos Pagu* (14). Campinas: Unicamp, 2000.

LE BRETON, D. *L' adieu au corps*. Paris: Métailié, 1999.

MELO, Hildete Pereira de & SERRANO, Franklin. *A mulher como objeto da teoria econômica*. In.: HOLANDA, Heloísa Buarque de (org.) *Desafio às ciências desde a perspectiva das mulheres*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997.

RODRIGUES, José Carlos. *Tabu do corpo*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1983.

STUDART, Heloneida. *Mulher objeto de cama e mesa*. 22. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1974.

XAVIER, Elódia. *Que corpo é esse? O corpo no imaginário feminino*. Ilha de Santa Catarina: Editora Mulheres, 2007.